

MÉTODOS PARA ALFABETIZAR: O QUE SABEM E DIZEM OS PROFESSORES ALFABETIZADORES?

Érica Raiane de Santana Galvão¹

Viviane Caline de Souza Pinheiro²

Adriana Cavalcanti dos Santos³

Eixo temático: 8 Alfabetização e modos de aprender e de ensinar

Resumo: O artigo objetiva analisar as concepções de professores alfabetizadores do interior de Alagoas no que se refere aos métodos de alfabetização. Trata-se de uma pesquisa qualitativa (MINAYO, 2001) do tipo exploratória. Os resultados apontam que não há um consenso nas concepções dos professores sobre métodos eficazes ou não para alfabetizar. Evidenciou-se que alguns professores alfabetizadores não têm conhecimentos específicos sobre concepções e métodos de alfabetização. Acredita-se, diante desses resultados, ser imprescindível processos de formação continuada que discutam as diferentes concepções de alfabetização, além dos diferentes modos de ensinar e de aprender.

Palavras-chaves: Alfabetização; métodos; professores alfabetizadores.

1 Introdução

O processo de ensino-aprendizagem da alfabetização é envolto em uma discussão sobre os métodos mais eficazes para serem utilizados pelo professor alfabetizador. Como afirmam Galvão e Leal (2005), até a década de 80, no Brasil, havia uma prevalência e alternância entre os métodos sintéticos e os métodos analíticos. Com o avanço dos estudos e pesquisas na área de alfabetização, a preocupação voltou-se para como o estudante aprende e quais são as estratégias didático-pedagógicas que podem ser mobilizadas pelos professores alfabetizadores para que este aprendizado ocorra.

Os estudos sobre alfabetização (SOARES, 2018; 2021; MORAIS, 2012; entre outros) apontam para a importância do professor alfabetizar letrando, além de desenvolver o trabalho com a consciência fonológica de modo que a criança se apropriasse do Sistema de Escrita Alfabética (SOARES, 2004; MORAIS, 2012).

¹ Graduada em Pedagogia (UFRPE/UAG). Vínculo Institucional. Mestranda em Educação pela UFAL. Integrante do Grupo de Estudos e Pesquisas em Didáticas da Leitura, da Literatura e da Escrita (GELLITE). Contato: ericaraiane7@gmail.com

² Mestra em Educação (PPGE/UFAL). Doutoranda em Educação pela UFAL. Integrante do Grupo de Estudos e Pesquisas em Didáticas da Leitura, da Literatura e da Escrita (GELLITE). Contato: viviane.cs.pinheiro@gmail.com

³ Pós-Doutora em Ciência da Educação pela Universidade de Porto – Portugal. Professora Adjunta da Universidade Federal de Alagoas. Líder do Grupo de Estudos e Pesquisas em Didáticas da Leitura, da Literatura e da Escrita (GELLITE). Contato: adricavalcanty@cedu.ufal.br

Os métodos para a aprendizagem inicial da língua escrita podem ser entendidos mo um conjunto de procedimentos (teorias, princípios linguísticos e psicológicos) que orientam a aprendizagem da leitura e da escrita (SOARES, 2018).

As discussões sobre os métodos de alfabetização têm sido sempre uma questão porque emanam das diferentes concepções existentes sobre o objeto de aprendizagem na alfabetização, ou seja, sobre o que se ensina quando se ensina a língua escrita. Uma reflexão em torno dos métodos mostra que eles continuam envolvendo debates porque privilegiam determinada função, determinada faceta, determinados pressupostos teóricos, os quais ignoram ou marginalizam os demais (SOARES, 2018).

Dado o exposto, este trabalho analisa as concepções de professores alfabetizadores do interior de Alagoas no que se refere aos métodos de alfabetização. O trabalho problematiza: quais são as concepções de professores alfabetizadores do interior de Alagoas sobre métodos eficientes para alfabetizar? Quais são os métodos utilizados por estes professores em suas práticas de ensino?

A metodologia utilizada, neste trabalho, é de natureza qualitativa (MINAYO, 2001) do tipo exploratória. Aplicou-se um questionário como estratégia para coleta de dados que abordou as concepções dos professores alfabetizadores sobre métodos de alfabetização. Os sujeitos da pesquisa foram quatro professores alfabetizadores do interior de Alagoas⁴, tendo como critério de participação na pesquisa estarem atuando em turmas de alfabetização e terem aceitado responder as perguntas do questionário voluntariamente. O questionário foi realizado no mês de junho de 2020, em face da COVID-19, deu-se por meio *online*.

Para a discussão e análise dos resultados, utilizaram-se duas perguntas: Em sua opinião, existe um método eficaz para alfabetizar? Quais os métodos que você utiliza ou já utilizou para alfabetizar os seus alunos? Como aporte metodológico de análise, optou-se pela análise de conteúdo (BARDIN, 2011). Estabeleceu-se duas categorias de análise: a) Concepções sobre métodos eficazes ou não para alfabetizar; b) Métodos utilizados pelos professores alfabetizadores.

As normas éticas foram seguidas e não serão expostos os nomes dos professores que colaboraram com a pesquisa.

O trabalho estrutura-se em duas seções. Na primeira, discorre-se sobre métodos e concepções de alfabetização. Na segunda, discute-se as concepções dos professores alfabetizadores em relação aos métodos eficazes ou não para alfabetizar e os métodos utilizados por eles em suas práticas. Por fim, apresentam-se as considerações finais.

⁴Dois professores atuam no município de Pilar e dois em Coruripe.

2 Métodos e concepções de alfabetização

De acordo com Soares (2021), a palavra método, segundo a sua etimologia, vem do grego, *methodos*, composta de meta: através de, por meio, e de *hodos*: via, caminho em direção a uma finalidade. Na alfabetização o uso de um método pode implicar na aprendizagem da leitura e da escrita de palavras, frases e textos. Visando garantir essa aprendizagem é preciso orientar o percurso da criança nesse caminho, conhecendo seu curso e suas dificuldades de aprendizagens. Para isso, os professores alfabetizadores podem fundamentar-se nos processos cognitivos e linguísticos de desenvolvimento e aprendizagem da língua escrita (SOARES, 2021).

Ensinar com método significa colocar o foco na aprendizagem da língua escrita pela criança (SOARES, 2021). Questiona-se “como o estudante aprende” orienta o “como deve-se ensinar”. A concepção de ensino da língua escrita que constitui o alfabetizar e letrar, denominada de Alfalettar (SOARES, 2021), compreende como a criança aprende a língua escrita, o sistema alfabético e seus usos. Com base nessa compreensão, estimula-se e acompanha-se a aprendizagem do sistema de escrita alfabética.

No que se refere às compreensões sobre o modo de ensinar e aprender a língua escrita, houve uma trajetória de mudanças ao longo das últimas décadas, do século XX, no Brasil. Na perspectiva tradicional, destacam-se os métodos (sintéticos e analíticos) que eram adotados com o objetivo de o estudante aprender o código alfabético (GALVÃO; LEAL, 2005).

Os métodos sintéticos preveem o início da aprendizagem a partir dos elementos estruturalmente “mais simples”. O ensino se inicia pelas letras, fonemas ou sílabas que, através de sucessivas ligações, levam os estudantes a ler palavras, frases e textos. Esse método parte das unidades menores para as maiores (GALVÃO; LEAL, 2005).

Para Moraes (2012), os métodos analíticos de alfabetização, subdividem-se em: a palavração, a sentencição e o método global. Nesses métodos, propõe-se que se inicie a aprendizagem pelas unidades maiores, (palavras, frases, histórias), e, aos poucos, deve-se levar os alunos a analisar e a “partir essas palavras em unidades menores”.

No que se refere aos métodos tradicionais de alfabetização, Moraes (2012) afirma que por trás dos métodos há uma única teoria de conhecimento: a visão empirista/associacionista de aprendizagem. Nessa perspectiva, a criança é uma tábula rasa que adquire conhecimentos sobre o alfabeto recebendo informações prontas do exterior e através da repetição ele adquire estes conhecimentos.

Contraopondo-se a essa perspectiva, os estudos mais recentes da área de alfabetização, difundidos desde a década de 80, entendem que a escrita não é um código,

mas sim um Sistema Notacional (MORAIS, 2012) que possui propriedades que devem ser ensinadas pelo professor e apropriadas pelos estudantes de modo processual.

Estes estudos e pesquisas da área de alfabetização, contribuíram de modo significativo para o avançar das compreensões sobre o modo que o estudante aprende tendo por base uma perspectiva construtivista. Destacam-se os estudos sobre a psicogênese da língua escrita (FERREIRO; TEBEROSKY, 1999); consciência fonológica (MORAIS, 2012); e, letramento (SOARES, 2018; 2021).

3 Resultados e Discussão

Da análise das concepções dos professores, emergiram duas categorias: Concepções sobre métodos eficazes ou não para alfabetizar; Métodos utilizados pelos professores alfabetizadores. Para melhor compreensão, os quatro professores serão denominados de: Professor A; Professor B; Professor C; e, Professor D.

3.1 Concepções sobre métodos eficazes ou não para alfabetizar

No Brasil, como dito, há um grande debate sobre os métodos de alfabetização. Esse debate perpassa pela busca em compreender quais são os métodos mais eficazes para alfabetizar, àqueles que prometem uma alfabetização que ocorra mais rápido. Nesse sentido, buscou-se ouvir as concepções dos professores alfabetizadores sobre métodos eficazes ou não para alfabetizar.

Os professores alfabetizadores ao refletirem sobre o método eficaz para alfabetização, posicionaram-se:

Na minha opinião não! Como cada criança é diferente, existem também métodos diferentes. As vezes uma criança aprende de um jeito e a outra de outro (Professor A).

Não. Acho que todos os métodos são válidos e juntos são excelentes, até porque cada criança tem sua singularidade e nós como educadores temos que respeitar o tempo de cada uma (Professor B).

O método mais eficaz em relação à alfabetização é identificar as letras, formar palavras de forma prazerosa e divertida, como jogos, brincadeiras, ilustrações e também escrita para uma boa interpretação de texto (Professor C).

Ao longo da minha carreira profissional passei por vários métodos e teorias vigentes, contudo o método fônico associado a boas práticas de cada metodologia formaram um repertório que fundamenta minha prática docente (Professor D).

Refletindo-se sobre a fala do Professor A, de fato cada estudante tem as suas especificidades para aprender. Ponderando sobre o aprendizado da criança e sobre os diferentes métodos, destaca-se alguns apontamentos de Soares (2004) sobre a aprendizagem da língua escrita que tem sido objeto de estudos de várias ciências nas últimas décadas, de modo que diferentes facetas são abordadas e privilegiadas nesses estudos: a faceta fônica; a faceta da leitura fluente; a faceta da leitura compreensiva; a faceta da indentificação e do uso adequado das diferentes funções da escrita. Quando o Professor A destaca a criança como centro da sua aprendizagem por considerar que aprendem de formas diferentes, ele enfatiza o reconhecimento sobre tais facetas considerando os diferentes momentos para trabalhar com cada uma delas, respeitando e antevendo o que precisa ser aprendido pela criança.

O Professor B comenta que todos os métodos são válidos e juntos são excelentes. No entanto, há diversas concepções de alfabetização, cada uma delas têm diferentes pressupostos que às embasam e orientações metodológicas. Acredita-se que não é possível trabalhar com todos os métodos juntos. É necessário que o professor alfabetizador opte por uma concepção de alfabetização para refletir os caminhos que irá trilhar no processo de ensino da alfabetização.

O Professor C refere-se às atividades que podem ser utilizadas na alfabetização de forma lúdica. Ele não mencionou necessariamente um método que em sua opinião é eficaz ou não para alfabetizar. Nesse sentido, ressalta-se o quanto é fundamental que os professores alfabetizadores compreendam as concepções de alfabetização e as orientações metodológicas subjacentes.

O Professor D assinala que o método fônico é usado em sua prática. Para ele, esse método é eficaz para alfabetizar. Uma das preocupações de Moraes (2012) quanto ao método fônico consiste no fato de que leitura e a produção textos não acontecem a partir de textos reais. O autor (2012) posiciona-se radicalmente contrário a volta dos métodos fônicos, pois eles sobrecarregam cognitivamente as crianças para pronunciarem fonemas isolados; adiam o contato dos alfabetizando com os textos do mundo real; e, submetem os alfabetizando à leitura de falsos textos, nos quais palavras são artificialmente selecionadas para aparecerem juntas, mas continuam como frases desconectadas.

Dado o exposto, uma alfabetização bem-sucedida não depende de método(s), mas é construída pelos que alfabetizam compreendendo os processos cognitivos e linguísticos do processo de alfabetização, e com base nestes processos desenvolvem atividades que estimulem e orientem a aprendizagem do estudante, identificam e interpretam dificuldades em que terão condições de intervir de forma adequada para, desse modo, alfabetizarem com método (SOARES, 2018).

3.2 Métodos utilizados pelos professores alfabetizadores

Tendo em vista os debates que envolvem a questão dos métodos para alfabetizar (SOARES, 2018), buscou-se identificar quais são os métodos utilizados pelos professores entrevistados em suas práticas de ensino. No que se refere à utilização dos métodos, os professores informaram:

Sempre gostei até hoje do método alfabético, mas também já utilizei e utilizo o silábico (Professor A).

Depende muito da instituição em que estou trabalhando. Cada instituição prefere um método e nós como profissionais devemos seguir. Já trabalhei com o tradicional e com o construtivista (Professor B).

É através da ludicidade, usando sempre as letras, sílabas e palavras de forma lúdica para que facilite o ensino e aprendizagem de seus alunos (Professor C).

Método Tradicional
Teoria Construtivista
Teoria Socioconstrutivista
Método Montessoriano
Método Fônico (Professor D).

O Professor A utiliza dois dos métodos sintéticos (alfabético e silábico). Sobre o método alfabético e o silábico, Moraes (2012) salienta alguns aspectos que precisam ser considerados. No método alfabético existe a crença de que o estudante já compreenderia que as letras substituem sons e através da memorização do nome delas, ele poderia ler sílabas. Após a leitura de muitas sílabas, ele poderia ler palavra, e, por fim, ler textos. Já os métodos silábicos concebem que o estudante pode compreender que algumas poucas letras juntas substituem as sílabas das palavras que falamos e que ele acreditaria que duas letras juntas podem ser lidas. Através da memorização das sílabas, ele chegaria a ler palavras, e um dia, textos.

A utilização desses dois métodos pelo Professor A reforçam a sua fala em outra pergunta realizada, em que o mesmo afirmou: “Gosto de trabalhar bastante na criança quando ela tira do quadro, começo a ensinar como copiar no caderno e seguir sempre o que vou colocando lá”. Segundo Mortatti (2006), a cópia era utilizada com frequência para reforçar a ideia de que ao copiar os estudantes aprenderiam a grafia das palavras, no entanto, é importante considerar os textos que estão sendo trabalhados durante essa atividade.

O Professor B compreende que a falta de consenso nas escolas com respeito ao “como alfabetizar” dificulta a prática do professor. Em uma escola o Professor B é convidado a alfabetizar utilizando métodos tradicionais. Já em outra escola, ele é convidado a alfabetizar utilizando a perspectiva construtivista. A questão dos diferentes métodos de alfabetização adotados nas escolas é algo que os professores precisam lidar. Faz-se necessário pontuar que construtivismo não é método. Nesse sentido, percebe-se que há uma falta de compreensão por parte de algumas escolas e alguns professores alfabetizadores que confundem a teoria construtivista com um método de ensino. Embora, o Professor B trabalhe o método definido pelas escolas em que trabalha, a sua fala em outra pergunta revela que é preciso respeitar o momento e o tempo em que cada estudante se encontra. Dessa forma, ele assume a responsabilidade sobre sua aprendizagem.

O Professor C não mencionou o método que utiliza, mas abordou o aspecto da ludicidade, ou seja, abordando uma das formas de trabalho e não o método subjacente a ela. Contudo, através da resposta do Professor C, é possível inferir que o método utilizado é o silábico, pois ele menciona que realiza um trabalho lúdico com as letras e com as sílabas.

Já o Professor D apontou os diferentes métodos utilizados em sua prática. Percebe-se que os métodos indicados defendem diferentes abordagens para o ensino da alfabetização. Contudo, acredita-se ser essencial que o professor faça (e tenha liberdade na escola para fazer) opções metodológicas para a sua prática de ensino. O Professor D, assim como o C, apontou a teoria construtivista e socioconstrutivista como método. No entanto, é preciso uma melhor compreensão desse aspecto por parte dos professores, tendo em vista que o construtivismo e o socioconstrutivismo não são métodos, mas sim teorias.

4 Considerações Finais

Este trabalho objetivou analisar as concepções de professores alfabetizadores no que se refere aos métodos de alfabetização. Nesse sentido, buscou-se conhecer as opiniões dos professores sobre a existência ou não de métodos eficazes para alfabetizar e os métodos utilizados por eles em suas práticas de ensino.

As categorias apresentadas no transcorrer deste trabalho demonstram o quanto não há consenso sobre métodos eficazes ou não para alfabetizar por parte dos professores alfabetizadores pesquisados. Constatou-se que os professores alfabetizadores continuam usando os métodos tradicionais e novas questões em torno da alfabetização surgem no que diz respeito aos métodos de alfabetização.

Com respeito aos métodos utilizados pelos professores, constatou-se que diferentes métodos tradicionais (silábico; alfabético; fônico) são utilizados. Alguns professores utilizam em suas práticas a teoria construtivista ou socioconstrutivista como base, contudo as confundem com métodos de ensino.

Em vista desses apontamentos, acredita-se ser imprescindível uma ampliação nas formações continuadas que discutam as diferentes concepções de alfabetização, além dos diferentes modos de ensinar e de aprender. É fundamental que o professor estude sobre estas diferentes compreensões referentes ao processo de ensino-aprendizagem na alfabetização, para deste modo, buscar trilhar o melhor caminho no percurso do ensino da alfabetização.

Referências

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.

FERREIRO, Emília; TEBEROSKY, Ana. **Psicogênese da Língua Escrita**. Trad. Diana Myrian Lichtenstein, Liana Di Marco, Mário Corso. Porto Alegre: Artmed, 1999.

GALVÃO, A.; LEAL, Telma Ferraz. Há lugar ainda para métodos de alfabetização? Conversa com professores(as). In: MORAIS, A.; ALBUQUERQUE, E.; LEAL, T. F. (orgs.). **Alfabetização: apropriação do sistema de escrita alfabética**. Belo Horizonte: Autêntica, 2005, p. 11-28.

MINAYO, Maria Cecília (org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis: Vozes, 2001.

MORAIS, Artur Gomes. **Sistema de escrita alfabética**. São Paulo: Editora Melhoramentos, 2012.

MORTATTI, Maria Rosário Longo. **História dos Métodos de Alfabetização no Brasil**. Ministério da Educação (MEC), 2006. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/Ensfund/alf_mortattihisttextalfbbr.pdf> Acesso em: 20 jun. 2021.

SOARES, Magda. **Alfabetização e letramento: caminhos e descaminhos**. Porto Alegre: Artmed Editora, 2004.

SOARES, Magda. **Alfabetização: a questão dos métodos**. 1. ed. 2ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2018.

SOARES, Magda. **Alfaletrar: toda criança pode aprender a ler e a escrever**. 1. ed. 2ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2021.